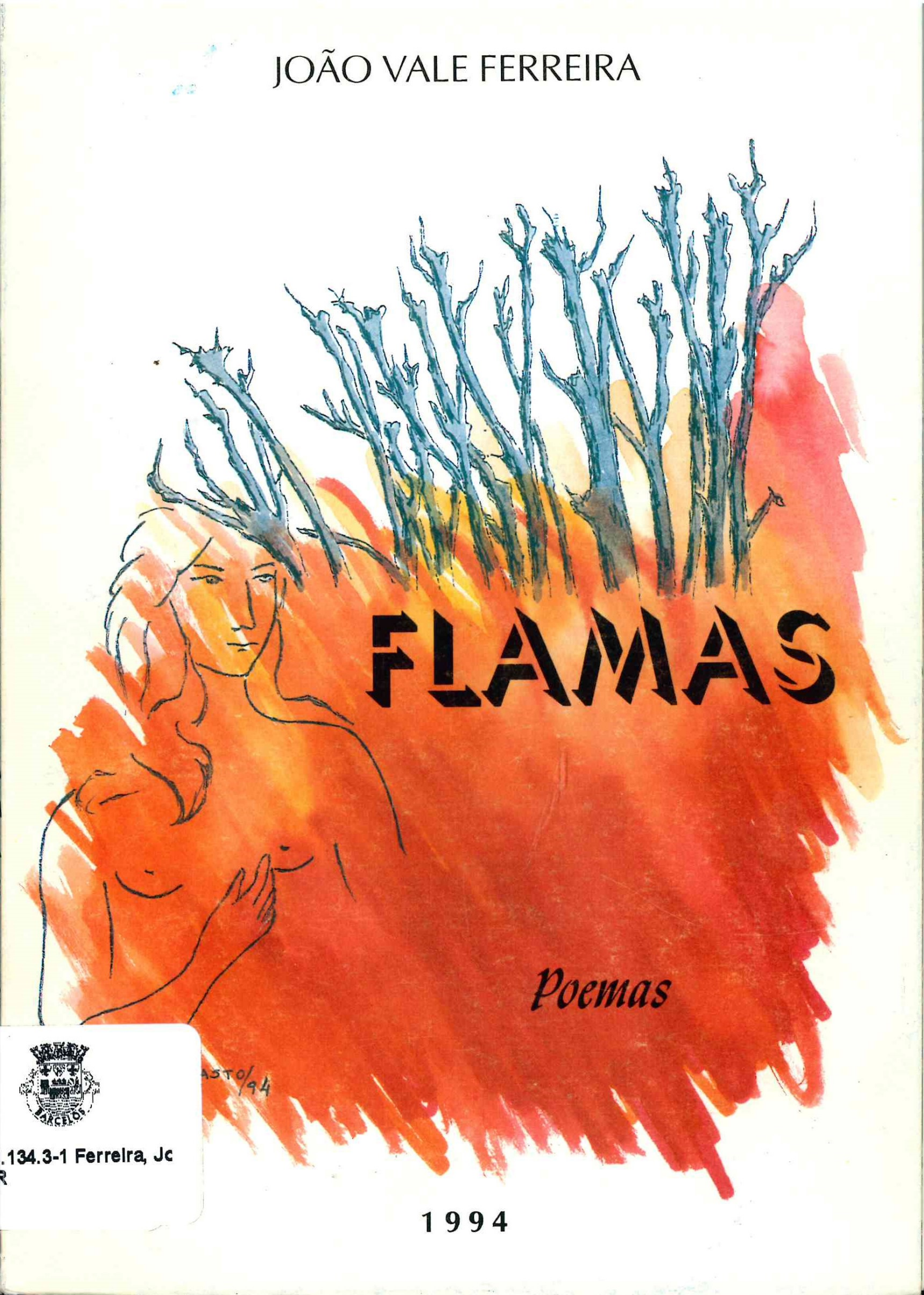


JOÃO VALE FERREIRA



FLAMAS

Poemas

ASTO/94



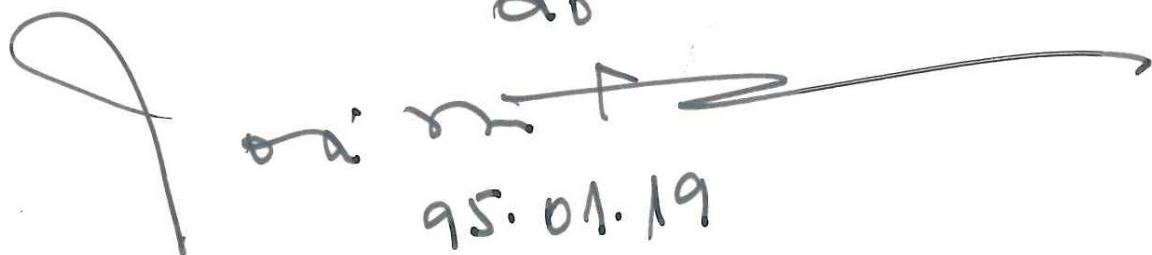
.134.3-1 Ferrelra, Jc
R

1994

FLAMAS

Poemas

Para a Biblioteca Municipal,
com a consideração
do

 95.01.19

1999

EDIÇÃO DO AUTOR

JOÃO VALE FERREIRA

FLAMAS

Poemas



Barcelos
2011

BARCELOS

DEZEMBRO DE 1994

Capa de CARLOS BASTO

Ternura

DETERMINAÇÃO

Envolto em dura ternura,
Impelido por força violenta,
Que, no mais profundo do âmago,
Assentará arraiais,
Parti,
Na noite do Tempo,
Ofegante, enamorado,
Em busca do Tempo sem noite...

A MINHA CANÇÃO

Canção verde,
De Abril vestida,
Emergiste embalada na quimera
Da manhã de cetim,
Qual cravo vermelho,
Vibrante,
Fascinante,
Na praia da revolução...

ABRIL

Um azul de ternura inacabada
Germinou nesse Abril primeiro...

Desdobrámos, sozinhos,
Na esquina da manhã,
A seda macia,
Envolta em rudeza,
Da loucura do tempo...

Cosemos esperanças
Na potência do porvir...

Fulgiam, ao longe,
Em melodias de Páscoa,
As guitarras do sonho...

E a pulcritude
Da fusão da vivência
Soará, dilatada,
Em plenitude,
No futuro redigido
Para além da quimera...

Duas vidas tecidas
No Abril do tempo...
Uma vida, afinal,
No Abril sem fim...

92.04.17

MENINA

Meu Poema sem neve na lonjura,
Ânsia dupla de um porvir
De infinito...
Grito
Suave,
De melodia granítica,
A ecoar
Nos confins da Primavera...

Minha Quimera,
Alcandorada nos cumes
Do alvorecer,
Na rota do Etéreo e do Sublime...
Meta fascinante,
Almejada na nascente da ilusão...

ESTE RUMO

Os meses que passaram...!
A arquitectura em chilreio!
As avezinhas
Dedilham o anseio
Do pombal!

Terno azul de mar Egeu,
Este destino, este rumo,
Este brasido sem fumo,
Sem o rubro do tormento,
Será o longo Poema,
Loucamente redigido,
De canções entretecido,
Entre hosanas de luar...

92.09.17

OBJECTIVO

O poema que falta vou cantá-lo
Já no Estio, na tarde sonhadora:
É o poema mágico, sincero,
Síntese de eufonia abrasadora.

Cosido de lirismo apaixonante,
Envolto em pulcritude de luar,
Desdobrará o anseio de meus dias,
A ternura de anil do verbo amar.

94.04.03

CRIANÇA

Constrói, criança, constrói
A criança do futuro!

Confia ao sol e ao vento
A doce ternura
Das tardes de Junho...

Desdobra ao luar
E à fragrância do sonho
A urgência donairoza,
Imperiosa,
De que todo o homem
Tem de ser criança!

Convence os descrentes,
Os que nadam no gelo dos pólos,
De que, afinal,
A herança
Sublime e fagueira
Se resume à melodia suave
Dum coração de criança!

É no fundo mais fundo
Da tua inocência
Que as almas se encontram...
Que a alegria é séria...
E o viver em linha de horizonte
É o encanto do mundo!

Constrói, criança, constrói
A criança do futuro!

92.06.01

NATAL

Natal é saber
Conjugar
O verbo amar,
No fascínio do nascente,
Na ternura do poente...
No campo, escola, hospital...
À volta do roseiral...

Natal é a canção do luar,
Na cegueira dum tempo medonho...
É o sol refulgente do lar,
A cobrir de poema o risonho...

Natal é franqueza,
É firmeza,
Honestidade
E dignidade;
É fragrância,
Tolerância,
Correcção,
Adoração...

Natal é o encontro,
O diálogo,
O abraço da limpidez,
O emergir da pulcritude...

Natal é a esperança
Dos sem-esperança...

Vou pedir ao Menino da Humildade
Que me faça o milagre da quimera:
Que o Natal traga um mar de humanidade,
Que o mundo seja sempre Primavera.

ESPERANÇA

Dezassete anos!
O verso vermelho!
Os desenganos
Sem espelho,
No cedo da Canção!

Espalha o sonho,
A audácia,
O risonho
Sem falácia...

Embebe o sumo
Da Primavera.
Espreme o sol
Na quimera
De farol
Do poema.

Adormece a noite
Sem estrelas.
Atapeta de humano
A dúbia fantasia.
Afoga-o num oceano
De calma-ria.
Fabrica o pomar
Da melodia.

94.08.14

O LUME DOS CINQUENTA

O lume dos cinquenta
Crepita fagueiro
E altaneiro
Na beleza escaldante do Poema!

O lume dos cinquenta
Aquece cativo
E atractivo
Na ternura rosácea da quimera!

O lume dos cinquenta,
De Junho doirado:
O afilhado
Do incêndio de mil sóis em esperança!...

O lume dos cinquenta —
— Viagem de sonho
Bem risonho —
— Pulsa na estreita rota da epopeia...

Ai! o lume dos cinquenta!...

93.11.21

A VIDA

Deslumbramento!
Canção!
Tormento!
Emoção!
Eis a vida!
A ternura dolorida!

Esta antítese de encanto,
Feita de sol e luar,
É a grandeza do espanto,
O azul e verde do mar!

Vida!
Hei-de amar-te, loucamente,
No poema da manhã,
Na fragrância do poente!

Vida!
A riqueza sem igual,
Num mundo negro, funesto...
...Meu santo pontifical!...

92.10.16

NÃO TEMAM

Não temam quem deseja povoar
De sonho os viandantes do Poema...
Não temam, nesta hora de luar,
Atingir o jardim em diadema...

94.04.25

Social

QUEIXUME

Juventude sem bússola,
Ante o sublime sol poente!
Minha ausência de estro fagueiro,
Na senda engalanada do porvir!
Divórcio da minha fala!
O *mas* da minha ilusão!

Ah! novo-riquismo,
Sem meta nem ideal,
À solta, a granel,
Que sementes o roxo e o cinzento
Do acre, do fel,
Na ternura do alvorecer!...

Como entrar na auto-estrada
Da placa-mensagem
Que conduz à paragem
Do excelso e da maravilha?

Há bruma na rota traçada.
Há falha de verso gritante.
Há noite de gelo na estrada.
Há corcel sem rumo vibrante...

Toda a dilatada História,
Cheia só de humanidade,
Tem aroma e fortaleza...
Assenta a nobre vitória
No cimento, no granito,
No vermelho de infinito
Do trabalho e da fereza...

92.07.07

ANTIDEMOCRATA

Sabe tudo,
Sobretudo
Na galáxia
Da ignorância!

Jamais quis a beleza - poema
De aceitar a razão da criança!
Jamais teve por sonho e por lema
A autocrítica — sã temperança!

No caminho que trilha sozinho,
Não vê sol, nem luar, nem canção:
Vê apenas o pseudocarinho
Que fornece à loucura a ilusão!

93.01.04

ESTORNINHO

Falei ao estorninho!
Ditei-lhe a razão
Da direcção
Do ninho
Do sonho!

Foi ternura caída
Num Nero qualquer!

De nada vale a pena
Querer a açucena
Alvinitente,
Se na mente,
Em frustração,
Vive a ilusão
Dum reino de fadas!

Oh! partitura sem música!
Oh! rio sem caudal!

E o pobre —
— Coitado! —
— Ficou sem luar!
...Sem orvalho!
...Sem poesia!

Estorninho estouvado,
A antivoz do meu dinamismo!
A vereda do meu civismo!
A vacância,
A dissonância
Da minha eufonia!

Estorninho em loucura,
Cerração, desventura,
Dessa tarde de Julho!

92.07.20

DESENCANTO

Sopra o vento delirante...
Anda a poeira no ar...
Há inópia no caminho...
Sente-se o galo a cantar...

De pedras se fazem sóis.
De nada surge a grandeza.
Medram, aqui, os heróis,
Feitos de extensa rudeza...

O grito cai no desdém
Duma infinita paragem...
E o verso lindo não tem
Senão a bela miragem...

A seca trouxe a incultura
Ao génio do povoado...
E a promessa da bravura
Transmutou-se em ar mirrado...

93.01.22

VOZ DINÂMICA

Anda, poeta!
Não receies zurzir
A máscara cruel
Dos imbecis!

Fustiga o antipoema,
Gerado em estratagema
Sem luar!

Cega a luz pérfida
Da altivez!

Desassossega o mundo egoísta
Sem pista
Para cantar
A vertente
Incandescente
Da humanidade!

Lavra, poeta!
Faz a fertilidade
Da herdade
Toldada,
Agoniada,
Pelo joio
Duma inveja em maldição!

CHORAM AS RUAS DE BAGDADE...

Choram as ruas de Bagdade
Os lírios perdidos
No breu do martírio...

O líder sem *mas*
Embala amarguras
Tão longas, tão duras,
Na fornalha do hediondo e do fatídico...

Cessa o Janeiro:
Nasce a ilusão do tempo sem mês...

Choram as ruas de Bagdade
Os lírios perdidos
No breu do martírio...

E o homem da noite,
No doido corcel do seu estrabismo,
Anavalha o luar,
Dilacera a fragrância,
E, além, na distância,
Aniquila a quimera
Da Canção do Poente...

No minuto vermelho
Dum verde fagueiro,
Gritam as praças,
Desesperam as estrelas,
Empalidece a manhã...

Choram as ruas de Bagdade
Os lírios perdidos
No breu do martírio...

91.01.17

S. FRANCISCO DE ASSIS

Foste luz na cegueira da vida.
Foste grito no pasmo tenaz.
És a longa e feliz avenida
Que conduz à Beleza primaz...

Proclamaste o costume sadio
Ao letargo de um povo em ganância:
Disparaste violento arrepio
Contra o vício da negra jactância...

Foste, meu grande Santo Francisco,
A carícia fulgente, no mundo:
Desafiaste o feroz e o trovisco
Na procura dum Bem bem jucundo.

Pra viver a existência em canção,
Neste globo egoísta e sangrento,
És fastígio, luzeiro, oração,
Fortaleza de sonho e talento...

Mesmo ao lado de Paulo e Baptista,
És, Francisco, meu guia de encanto:
Quero amar a Balada benquista,
Embeber em ternura o teu Canto...

92.10.03

JESUS

Germinaste o Poema universal,
Na espera dilatada de milénios:
Trouxeste a paz, o sonho ascensional,
O génio da humildade, nos proscénios...

O Teu aniversário,
Senhor,
É o sol da virtude
E pulcritude,
Na longa linha
Do abecedário.

Natal de Jesus:
Eis a Luz
De um Dezembro juvenil,
Feito Abril...

S. JOÃO BAPTISTA

Germinaste a Canção de luar,
Na cegueira do tempo de espera!
Emergiste embalado no mar
Tão funesto e feliz da quimera!

Foste a chama fervente, imortal,
Do Messias, Aurora do Bem.
És guitarra de verde coral,
Nos caminhos do Sol de Belém.

A mensagem deste Homem-Poema
Confiarei à ternura do vento...
Vou quebrar a loucura d'algema
À distância cruel do lamento!...

Vinca ao mundo, meu Santo Baptista,
O sublime do rumo fraterno...
Enaltece a Verdade benquista
Do venusto cumprir prò Eterno...

Junho/92

PAIXÃO

O Calvário do louco sofrimento
Veio, Senhor, na idade juvenil!
O covarde e o traidor foram tormento...
Tingiram de amargura o Teu Abril...

Amanheceu a inveja triste e feia
Nos cavos dirigentes, libertinos...
E o belo da razão, luz da candeia,
Foi o *não*, foi o longe dos ensinos...

Tua cruz pontifica dia-a-dia
Na Somália, em Angola, no Timor...
A estultícia devora a melodia...
A Paixão continua, meu Senhor...

93.04.04

O TRIUNFO SOBRE A MORTE

Senhor,
Espalharam sementes de Calvário,
Na ternura do Teu Abecedário!

E, na loucura do tempo,
Em verso
Sem universo,
Escoaram a Tua Vida.

Fizeram guerra ao Amor,
À Madrugada do Sonho...

Senhor,
O sofrimento atroz, dilacerante,
E as lágrimas vermelhas bem pungentes
Cobriram de amargura fecundante
Os últimos momentos padecentes...

Depois...

Germinou o milagre da Grandeza,
O fastígio do encanto-sedução:
Alvoreceu o Génio do Poema,
No triunfo da sã Ressurreição!...

Páscoa!
A sublime construção
Da eterna Primavera
Sem espera
Em cima da tempestade!...

Páscoa/94

A Terra

O LARGO DA MINHA INFÂNCIA

Meu largo
Que tanto amo!

Minha candura
Dos meus tempos de menino!

Minha ventura
De alegria incontida
No hino
Fogoso,
Delicioso,
Da ternura
Em movimento!...

Hoje, só, abandonado,
Num silêncio sem talento,
És a rosa ressequida,
A metáfora dorida
De navio naufragado,
Sem arrimo, sem alento...

És o vácuo do progresso,
A imagem do retrocesso,
Envolta em bruma
E em espuma,
Do poder de caracol,
Sem oxigénio,
Neste final de milénio!

Largo sem norte,
Sem amor que conforte
A ânsia do meu povo...

Minha guitarra,
Sem acordes de cigarra,
Nem balada de Sublime,
Sem o sol, sem o luar...

Nem sequer
O sorriso de mulher
Ou vento forte que anime...

Ah! meu largo
Letargo!...

92.08.22

ÁRVORES DA MINHA ALDEIA

Árvores da minha aldeia,
As gémeas do meu Poema,
Baladas de lua cheia,
Envoltas em diadema:

Escutastes os gemidos
Doloridos
Na nascente do meu canto...

Vizinhas do meu viver,
Testemunhas do meu fado,
Sois paixão de entardecer,
Sois amor idolatrado!...

Mas os colaços da treva,
Em Maio de voivodia,
Afiaram garra seva,
Timbrada de cobardia!

Nessa noite de negrume
E ciúme
Vieram cruéis vampiros...

Veio o voivoda sebento,
Nas asas da hipocrisia,
Trouxe vento, muito vento,
Vento roxo de ironia.

Os ramos tristes de breu
Viram 'scriba deletério,
Com funções de fariseu,
A destruir refrigério...

O tingir de iniquidade
E a traição à sinfonia
Deram golpes na Verdade,
Na Beleza e na Harmonia!...

Mas as árvores de Maio,
Feitas de sonho e grandeza,
Disseram *stop* ao ensaio
Da loucura e da rudeza!...

Árvores da minha aldeia,
Sois gémeas do meu Poema,
Baladas de lua cheia,
Envoltas em diadema...

Maio/92

MEU CÁVADO

Na canção da manhã verde,
Vi-te, meu Cávado lindo,
Ser fragrância de ternura,
Em horizontes de infindo...

Vi-te belo, donairoso,
Num poema apaixonante,
A namorar, orgulhoso,
Esta Barcelos brilhante.

Os vales da minha terra
Cruzaste ledó, fervente:
Beijaste minha cidade,
Com pureza alvinitente...

Foste, ó Cávado adorado,
O farol em cerração,
A balada da verdura,
O bálsamo da oração...

Hoje, meu rio pobre,
Vives a ausência do sonho,
A ânsia feliz do fagueiro,
O silêncio medonho
Da desventura...

Zurziram-te...
Feriram-te...
Espoliaram-te...

Ah! meu Cávado triste!
Minha ilusão!
És o escravo
Dos semeadores
Da poluição!...

Ainda te hei-de honrar,
Com guitarras de luar,
Na limpidez
Do meu ocaso...

92.07.26

PÁTRIA MADRASTA...

Pátria madrasta
Da alma
Dos artistas!

Ah! meu sonho traído
Na manhã
Do dinamismo!

Pátria minha! Sê mãe adorada...
Não vês o canteiro
Onde crepitam,
Em cativeiro,
As orquídeas e os jasmins?

Transmuta em primavera
A letargia
Do tempo de espera...

Geme a amargura
Dos filhos que te engrandecem!
Desdobra a ventura:
Semeia poemas
De lírios e goivos.
Alvorece a quimera
Do doido fanal,
Na ternura do poente.
Lança o grito
Infinito...
Sê Portugal!

Cria o verso novo,
O clima novo,
O fascínio novo,
O século novo...

93.02.14

AGORA

Abre a porta, minha terra,
Não te feches no indeciso!
Há poemas que te querem,
Na coragem, no sorriso...

Não temas abrir teus ais
À ternura da fragrância...
Olha o sonho que te espera...
Vê o porvir de abundância...

Eu queria, ó minha terra,
Que dobasses a Canção...
Que fizesses da firmeza
O rumo da solução...

94.06.12

COIMBRA

Subi à Acrópole
Da cidade do Choupal:
Os sábios do Areópago
Adensaram o carinho
E a beleza,
Em pragmática grandeza,
Da mãe e do avô
Da minha língua.

E o Inverno pensativo
Faz-se escaldante
E delirante
Pela mão de um Aristófanes
Ou de um Horácio...

Coimbra!
Formosa Atenas
De sabedoria
Em loucura:
Derruba a ilusão
Dum pátrio idioma
Sem o são aroma
De Cícero e Platão.

Coimbra!
Meu verso verde de nobreza austera,
Alcandorado na manhã suave:
Semeia a limpidez da Primavera
Nos vesgos timoneiros da aeronave...

93.02.10

GRÉCIA

Grécia: o grito longínquo
Da minha língua adorada!

Grécia: os milénios
Vivos,
Em fragrância,
Relevância,
No fascínio
Dos proscénios...
...Na grandeza
E profundeza
Da Acrópole...

Grécia: a pulcritude
Em plenitude
De mil lições
Num só Poema!

Minha guitarra louca de quimera,
Meu orvalho de nobre Primavera:
És, Grécia, o Portugal das Olimpíadas,
A Ternura escaldante d'«Os Lusíadas»...

És, afinal,
A nascente cultural
Da minha Pátria!...

92.12.27

BRASIL

Brasil dos sonhos meigos de menino,
Do fogo sem cansaço nem derrota,
Brasil onde cintila esta ternura:
És o Poema, a Luz da minha rota...

94.07.18

Primavera da Tarde

AUTÊNTICO

Quis fazer da existência
O autêntico,
Na mansa manhã
Da ternura...

No caminho da aventura
Marquei
O Poema...
Fui rei
Da simplicidade,
Envolta na grandeza
Do autêntico!

Jamais esqueci,
Na tarde de encanto,
O fulgor, o espanto,
A ilha,
A maravilha
Do autêntico!

Autêntico é a sina
Do Amor,
Da Dor,
Da Heroicidade,
Da Infelicidade!...

Crepita em mim o autêntico...
Alvorece, em melodia,
Noite e dia...

VENTURA

Adormece o silêncio.
Fervilha a sã quimera.
Flui a louca alegria.
Emerge a Primavera...

Recosta-se o poema,
Na poltrona da paz:
O bramir da amargura
Escoa-se, fugaz...

A vincar tempestade,
Passa, ao longe, a gaivota...
Mas o porvir do sonho
Faz traçar outra rota...

Vou dobando a vitória
Que surge juvenil:
Infinda-se a Canção
Dum Dezembro de Abril...

BIOGRAFIA

Os remendos que eu vivi,
No oriente da existência,
São os versos de rubi
Deste Poema em regência...

PERGAMINHO

Vou escrever, em letras de ternura,
O verso que baloiça nas entranhas:
Será um pergaminho de ventura,
Com sabor a poema de façanhas.

SENHORA

Solicito a pureza do Poema,
A cor alvinitente do Luar.
Povoa-me de versos sem dilema,
Onde o azul seja o eterno marulhar.

Nesta Fátima de encanto,
Deixo o Pomar da Ternura,
Percorro tudo o que é santo,
Pulso o sabor da ventura.

Senhora,
Ensina-me o caminho da quimera,
A ardência de um Estio juvenil...
Aniquila a titânica espera,
O silêncio sem sol, antifebril...

Senhora,
Aqui te deixo esta prece,
Cheia de fé e canção:
De novo em mim amanhece
O fogo da provação.

94.08.10

Índice

TERNURA	5
Determinação	7
A Minha Canção	8
Abril	9
Menina	10
Este Rumo	11
Objectivo	12
Criança	13
Natal	14
Esperança	15
O lume dos cinquenta	16
A Vida	17
Não temam	18
SOCIAL	19
Queixume	21
Antidemocrata	22
Estorninho	23
Desencanto	25
Voz dinâmica	26
Choram as Ruas de Bagdade... ..	27
S. Francisco de Assis	28
Jesus	29
S. João Baptista	30
Paixão	31
O triunfo sobre a morte	32
A TERRA	33
O largo da minha infância	35
Árvores da minha aldeia	37
Meu Cávado	39
Pátria madraستا... ..	41
Agora	43
Coimbra	44
Grécia	45
Brasil	46
PRIMAVERA DA TARDE	47
Autêntico	49
Ventura	50
Biografia	51
Pergaminho	52
Senhora	53

Execução gráfica:

EDITORA CORREIO DO MINHO/SM
Parque Municipal de Exposições e Desportos
4700 BRAGA

Depósito Legal N.º 84528/94

Tiragem: 500 exemplares



Apetece-me dizer do Poeta Vale Ferreira que antes de o ser já o era.

Reparamos nele, homem feito e verzejador amadurecido. Denota perfeito domínio dos cânones da poemática, não estamos diante de um docente especializado na graciosidade da Língua Portuguesa.

Alexandre O'Neill escreveu: *as marcas da grandeza dum poeta não servem para classificar um recordista olímpico.* Há, então, poetas maiores, poetas menores e poetas assim-assim? Talvez... Taborda de Vasconcelos vem em socorro desta tridimensionalidade valorativa, ao abrir o seu livro *Regresso à Inteligência* com estas palavras: *antes de escrever é preciso viver, porque só a experiência ensina e só o tempo corrige.*

Vale Ferreira veio ao mundo, em Lijó (Barcelos), onde vive, desde há muitos anos, ligado ao ensino secundário. Praticamente já atingiu, por mérito próprio e graças aos sucessivos cursos de valorização profissional, o topo máximo da sua carreira. Hoje ensina alunos e forma professores, seus colegas. Mas não só. Reparte a sua intensa actividade pelo associativismo (é Presidente da Direcção do Instituto Português de Imprensa Regional — IPIR), pelo jornalismo e vive e convive com jovens e adultos, fruindo esse sublime prazer de se dar aos outros, numa comunhão social, como recomenda a caridade cristã.

Esta forte ligação à sociedade em que se integra, constitui pretextos azados para o docente testar o domínio da palavra, pela palavra, transformando-a em poesia. Poesia que lhe sai com facilidade, com riqueza de conteúdo e fértil de inspiração. Regularmente brota-lhe a palavra poética, telegráfica, apropriada, feliz, condizendo com o ambiente que cria e recria, numa espécie de repórter permanente que também exerce, mas que nem sempre pode confinar a três ou quatro estrofes. Por outras palavras: a sua poesia é fruto do momento social. Forjaz Trigueiros dizia que *uma obra literária não se atralça, antes se cumpre quando reflecte a sociedade.* Essa poesia é escoreita, é objectiva, é participada, tem rosto e tem alma.

Decidiu Vale Ferreira, ao atingir meia etapa existencial, recriar, nessa poemática que, desde há alguns anos, tem sido publicada em jornais regionais e revistas. Melhor do que a nossa palavra passa, desde agora, a tê-la entre mãos, num pequeno livro, para dar aos outros, se o público corresponder ao desafio, ora feito.

biblioteca
municipal
barcelos



26993

Flamas